

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, p. 42.

_____. *O poder simbólico*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. & PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*. 1970 p. 20.

L'APICCIRELLA, Nadime. *O papel da educação na legitimação da violência simbólica*. Via internet. 2002.

Revista de Sociologia de Espanha. Versão eletrônica. 2004.

RODRIGUES, Carlos. *O que educação*. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 9.

hierarquiza os cargos na escola, pois, assim como a mensagem transmitida não é natural, esta relação hierárquica também é arbitrária.

Ao debatermos sobre a violência simbólica e suas implicações na educação, temos a sensação de que é um processo irreversível e de que nada podemos fazer em relação a isto. Porém, o fato de saber que somos ao mesmo tempo agentes e vítimas deste tipo de violência é o primeiro passo para combatê-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência simbólica pode ser exercida por diferentes instituições da sociedade: o Estado, a mídia, a escola, etc. O Estado age desta maneira, por exemplo, ao propor leis que naturalizam a diferença educacional entre brancos e negros. A mídia ao impor padrões culturais de beleza e de consumo, massificando uma indústria cultural e impondo-a como cultura e restringindo cada vez mais o acesso à cultura elitizada.

Na educação está o centro da discussão. Teoricamente através da educação, o ser pode se tornar capaz de distinguir quando está sendo vítima de violência simbólica e se tornar um agente social que vá contra a sua legitimação. Devido à realidade socioeconômica atual, isto não acontece, pelo distanciamento da família em educar seus filhos, reduzindo a idade colocá-los na escola.

A escola configura-se como o principal agente educacional da sociedade moderna, lamentavelmente, ao invés do que se espera, a escola não vem educando para formar cidadãos e sim legitimando o poder simbólico da classe dominante e transformando-se num grande disseminador da violência simbólica. A ação pedagógica perpetua a violência simbólica através de duas dimensões arbitrárias: o conteúdo da mensagem transmitida e o poder que instaura a relação pedagógica exercido por autoritarismo. A autoridade pedagógica que visasse destruir a violência destruiria a si própria, pois se trata do poder que legitima a violência simbólica.

Os alunos não só reconhecem seus professores como uma autoridade, como também legitimam a mensagem que por eles é transmitida, recebendo e interiorizando as informações. Isto garante uma reprodução cultural e social da classe dominante, uma vez que os professores pertencem a esta classe. Como já foi dito, a violência simbólica é estabelecida a partir do momento em que se

consomem em um conjunto de relações sociais relativamente autônomas daquelas que produzem outras formas de capital.

O *habitus* se define como um sistema de disposições internas que mediam entre as estruturas sociais e a atividade prática, sendo modelado pela primeira e regulado pela segunda. O argumento consiste em que em virtude de se pertencer a uma classe, cada pessoa conta com um objetivo futuro. Este futuro se entende por parte dos sociólogos como um conjunto de probabilidades condicionais. Os membros de uma classe interpretam como uma eventualidade possível ou impossível.

As relações existentes entre a violência simbólica e os conceitos: ação pedagógica, capital cultural, arbitrariedade cultural e o poder simbólico se tornam mais claras a medida que aprofundamos na questão, a ação pedagógica é ato da cultura dominante, que só é dominante porque tem um capital cultural maior, devido ao capital monetário, levando assim a arbitrariedade cultural, impondo desta forma seus valores e ideais através da violência simbólica, que é representada principalmente pela falta de respeito à liberdade de pensamento e a cultura dos indivíduos.

A arbitrariedade cultural, a violência simbólica estão representadas na falta de respeito à vida, à justiça, à equidade, ao livre arbítrio, ao conhecimento, à diversidade cultural, à não imposição de crença, a não agressão, a não destruição, à ética, à moral, à verdade e tanto outros conceitos concebem em si a violência simbólica.

as diferenças dos resultados educativos que não eram explicados pelas desigualdades econômicas. Os bens culturais simbólicos diferem dos bens materiais em que o consumidor usa aprendendo seu significado. Os bens culturais se encontram em museus e auditórios e é para aqueles que estão em alguns tipos de escola.

O processo de acumulação do capital cultural começa quando a família adota a forma de inversão de tempo. Esta inversão produz dividendos na escola e na universidade, nos contatos sociais, no mercado matrimonial e no mercado de trabalho. O capital cultural não existe somente na forma de disposições incorporadas, também existe na forma de títulos acadêmicos.

Em uma sociedade dividida em classes, o capital cultural está desigualmente distribuído. Um sistema educativo que põe em prática uma simples ação pedagógica, que requer uma familiaridade inicial com a cultura dominante e que procede por meio de uma familiarização imperceptível, oferece uma informação e uma formação que só pode ser adquirida por pessoas que possuem o sistema de predisposição que é a condição para o êxito na transmissão e inculcação da cultura.

Em resumo, uma instituição encarregada da transmissão dos instrumentos de apropriação da cultura dominante que espalha de modo sistemático a transmissão dos instrumentos indispensáveis para o êxito escolar é monopólio das classes sociais capazes de transmitir por seus próprios meios os instrumentos necessários para a recepção da mensagem. A escola valoriza aquilo que ela mesma não é capaz de transmitir.

Ao fazer aparecer nas hierarquias sociais e a reprodução destas hierarquias como algo baseado em uma hierarquia de méritos, ao converter as hierarquias sociais em acadêmicas, o sistema educativo cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária da perpetuação da ordem social.

Os mecanismos que permitem as classes dominantes manterem o monopólio dos estabelecimentos educativos de maior prestígio, ocultam-se por traz de um método democrático de seleção que considera só o mérito e não o talento. Bourdieu sugere que os capitais culturais se produzem, se distribuem e se

por um lado, do campo intelectual e por outro lado, pela classe e facções da classe cujos interesses se expressam na forma do conteúdo do poder simbólico.

O sistema educacional reproduz perfeitamente a estrutura da distribuição do capital cultural entre as classes, pois, a cultura que transmite está muito mais próxima da cultura dominante e o modo de inculcação a que recorre está para o modo de inculcação praticado pela família das classes dominantes.

A ação pedagógica, ao reproduzir a cultura com toda sua arbitrariedade, também reproduz as relações de poder. A ação pedagógica implica na exclusão de certas idéias tidas como impensáveis, assim como a sua inculcação. A autoridade pedagógica é um componente necessário para o êxito de uma ação pedagógica. A autoridade pedagógica é também fundamental para que a criança se identifique com a relação primária entre pai e filho.

A autoridade não é uniforme em todos os grupos sociais. As idéias exercem efeitos distintos quando se encontram diante de disposições preexistentes. Isto significa que o êxito diferencial da ação pedagógica está, em primeiro lugar, em função de cada grupo ou classe que tem uma distinta ação pedagógica. Com isto, Bourdieu se refere a uma disposição da pedagogia e da educação que é o resultado da educação familiar, um reconhecimento da importância concedida à educação. Por exemplo, a legitimidade da educação para muitas das crianças da classe operária está em função dos empregos que podem conseguir com as credenciais da educação.

Devido à importância do trabalho pedagógico, a ação pedagógica precisa de tempo e requer consistência, distinguindo-se deste modo, de outras formas de violência simbólica. Em conseqüência, os agentes pedagógicos são de maior duração e estabilidade que outros agentes de violência simbólica. Toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, tanto que sua imposição é por parte de um poder arbitrário, de uma arbitrariedade cultural. A função do efeito do grande prazo do trabalho pedagógico é, ao menos em parte, a produção de disposições que geram as respostas corretas aos estímulos simbólicos que emanam dos agentes dotados de autoridade pedagógica.

Um elemento chave que explica as desigualdades educativas é o capital cultural. Bourdieu desenvolveu o conceito do capital cultural para analisar

Todas as culturas contam com arbitrariedades culturais. Conseqüentemente, com um processo de socialização que adquire arbitrariedades culturais.

Em uma sociedade dividida em classes, coexistem culturas distintas. O sistema educacional tem suas próprias arbitrariedades culturais, as quais são arbitrariedades das classes dominantes. As diferenças entre as crianças das classes dominantes e das classes dominadas encontram-se embutidas na educação.

Bourdieu explica a implicação da idéia da arbitrariedade cultural para a segurança. Isso quer dizer que, o conteúdo que o professor transmite é de suma importância para o aluno, e os mesmos não têm o direito de questionar, pois o professor se sente autoritário e digno de propagar o que transmite e controlar a inculcação de forma coercitiva. Toda segurança, na escola ou em outro lugar, está na autoridade. A gente deve aceitar o direito da pessoa que tem a autoridade para fazer e decidir as coisas, de outro modo esta autoridade se desvanece.

É assim na escola onde os alunos aceitam o direito do professor de decidir o que vão estudar. Isto tem uma série de implicação para o professor. O docente conta com uma série de limites sobre o que legitimamente pode ensinar. Isto ocorre também nas outras instituições culturais. Por exemplo, se o Papa disser que Deus não existe, sairia fora dos limites da arbitrariedade cultural dos católicos.

Deste ponto de vista de Bourdieu, as arbitrariedades culturais da educação são das classes dominantes, são estas que determinam os limites da educação legítima. Portanto, a educação não é um juiz independente: os critérios para julgar os alunos estão determinados pela cultura das classes dominantes, cultura que tem um resultado modificado até certo ponto pelo sistema educativo.

Existe uma divisão do trabalho na classe dominante, entre aqueles que possuem o capital político e econômico e aqueles que possuem o capital cultural, isto sugere que os primeiros são dominantes, os outros têm um certo grau de independência, especialmente dado o seu grau de controle sobre o sistema educativo, o qual é o principal instrumento da reprodução cultural. Portanto, os sistemas simbólicos estão duplamente determinados pelas pressões que derivam,

Os estudantes mais favorecidos adotam hábitos, modos de comportamento e atitudes do seu meio social de origem que são enormemente úteis em suas tarefas escolares. Herdam cultura, gostos e bom gosto que lhe concedem alto e eficaz rendimento escolar. O privilégio cultural se faz notar quando averiguamos o grau de familiaridade com obras artísticas ou literárias que só podem ser adquiridas por meio de freqüência regular a museus, teatros e concertos musicais. A esse respeito, Bourdieu nos diz,

A influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança.(Bourdieu,2001:42).

Diferenças notáveis também separam os estudantes em função do meio social e na orientação de suas aptidões artísticas. Sem dúvida alguns dos fatores de diferenciação social podem, em alguns casos, anular os efeitos mais ostensivos e o pequeno burguês é capaz de compensar as vantagens que proporciona aos estudantes de classe alta a familiaridade com a cultura acadêmica. Qualquer classe de ensino superior pressupõe implicitamente um conjunto de saberes, uma facilidade de expressão que são patrimônio de classes cultas.

A escola exerce uma violência simbólica sobre seus alunos. A violência simbólica é a imposição de sistemas simbólicos e significativos sobre grupos e classes sociais de modo que tal imposição se impõe como legítima. A legitimidade obscurece as relações de poder, o que permite que sua imposição obtenha êxito. À medida que aceita como legítima, a cultura adquire sua própria força e as relações de poder, contribuindo assim para a reprodução simbólica.

O sustentáculo principal do exercício da violência simbólica é a ação pedagógica, assim como fala Bourdieu, *Toda ação pedagógica (AP) é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário de um arbitrário cultural.*(Bourdieu, 1970:20).

A imposição da arbitrariedade cultural, pode se impor por três vias: pela educação difusa que tem a interação com membros competentes da formação social em questão; através da educação familiar e da educação institucionalizada.

CAPÍTULO III: A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

1.1. Violência Simbólica, Arbitrariedade Cultural, Ação Pedagógica, Capital Cultural.

O conceito de violência simbólica, criado por Bourdieu, descreve o processo pelo qual a classe economicamente dominante impõe sua cultura aos dominados. Bourdieu e Passeron partem do princípio de que a cultura, ou seja, o sistema simbólico, é arbitrária, uma vez que não estabelece numa realidade dada como normal.

O sistema simbólico de uma determinada cultura é uma construção social e sua manutenção é fundamental para a continuação de uma determinada sociedade, através da interiorização da cultura por todos os membros da mesma. A violência simbólica expressa-se na imposição legítima e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo, ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável.

Na *Miséria do Mundo*(1997)², Bourdieu analisa rigorosamente a sociologia empírica, nas diversas formas de exploração, dominação e exclusão que o capitalismo contemporâneo impõe. O ponto nevrálgico das análises de Bourdieu está radicado na certeza de que esta ordem social se mantém e é eficiente somente com a cumplicidade dos dominados, isto é a violência simbólica. Assim, na melhor análise de sua teoria sociológica, Bourdieu examina o papel central da violência simbólica na preservação da normalidade social e as formas de ações políticas capazes de enfrentar a ordem simbólica dominante.

² BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis. RJ: Vozes, 1997.

Bourdieu como mensagens simbólicas significativamente expressas por grupos sociais, possuidoras de lógica própria. Por exemplo, lugares residenciais são exclusivos de determinada camada de uma população quanto ao nível de renda e educação e favorecem a interação entre as famílias que a eles pertencem.

A exclusividade desses grupos também proporciona o casamento só dentro desse mesmo grupo, fazendo com que apenas as pessoas que tendem a determinado estilo e que reconhecem as regras que orientam um determinado código social possam comunicar-se e estabelecer trocas simbólicas, como a troca de idéias e a concordância de opiniões, levadas em consideração para que os grupos interajam igualitariamente. O habitus, o campo e o modo de exercer poder simbólico entre os indivíduos de uma mesma classe são iguais, no entanto, não há conflitos e a dominação simbólica prevalece naturalmente.

Neste capítulo foi desenvolvido de forma clara as idéias de Bourdieu em relação a conceituação de poder simbólico, campos, habitus e a história de sua vida profissional e como surgiu a iniciativa de estar pesquisando sobre os problemas educacionais.

No próximo capítulo o assunto a discorrer é: Violência Simbólica na Educação na visão de Pierre Bourdieu, um sociólogo francês que ocupou parte de sua vida analisando sobre poder simbólico que é exercido nos meandros da educação.

adquirem um corpo de disposições que lhes permite agir de acordo com as possibilidades existentes no interior dessa estrutura objetiva que é o habitus. Desta forma, o habitus funciona como uma força conservadora no interior da ordem social.

O indivíduo ao se integrar no sistema escolar, está sujeito a passar por uma transformação de idéias, podendo até pensar que suas experiências não tem sentido ou significado em sua vida, pois a escola lhe impõe conceitos, cria obstáculos, situações que distorcem o indivíduo completamente de seus habitus, dificultando sua aprendizagem. A mudança da cultura por uma cultura diferente causa problema que agrava o educando. Por isso, o sistema escolar, para mudar a cultura de seus educandos, precisa se perguntar se o que está ensinando está sendo aceito e pode ser relevante para a vida do aluno no presente e no futuro.

O poder de impor pode acontecer dentro das diferentes classes sociais conforme seus interesses, tomando como estratégias, idéias que convencem a classe oposta a aceitar opiniões e mudanças sem que perceba que está sendo manipulada. As classes sociais aplicam forças simbólicas umas sobre as outras continuamente, reproduzindo o campo social com o objetivo de serem beneficiadas segundo suas necessidades. Nesse contexto,

As diferentes classes e facções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. Elas podem conduzir esta luta quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida quotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima. (Bourdieu, 2003:11-12).

Há produções simbólicas relacionadas com os interesses da classe dominante como os estilos de vida, ou as maneiras de usar bens de consumo como evidência de distinção e posição social, esse processo é tomado por

melhor se organizarem e introduzem regras para que mantenha a boa estrutura da sociedade, dessa forma,

O habitus se apresenta, pois, como social e individual: refere-se a um grupo ou a uma classe, mas também ao elemento individual; o processo de interiorização implica sempre internalização da objetividade, o que ocorre certamente de forma subjetiva, mas que não pertence exclusivamente ao domínio da individualidade. (Bourdieu, 1983:17).

Bourdieu privilegia a experiência primeira do sujeito, se o sujeito tem uma base sobre determinado assunto, mesmo que esse conhecimento seja adquirido dentro de um grupo familiar, pertencente a uma classe simples, será mais fácil constituir um processo de estruturação de novos habitus, ou seja, a absorção de elementos exteriores ao indivíduo. Ele enfatiza a importância de se estudar o modo de estruturação dos habitus de uma sociedade, onde a produção de habitus distintos adquiridos na família é o princípio da estruturação de experiência posterior, a subjetividade do sujeito, é que orienta a ação, desenvolvendo um conhecimento de mediação entre o agente social e a sociedade, a partir das experiências da subjetividade chega-se a uma prática objetiva.

Para se entender violência simbólica na educação, Bourdieu relacionou o poder simbólico, campo e habitus, conceitos que estão presentes na vida dos indivíduos e fazem a diferença no sistema escolar.

O poder simbólico surge como todo o poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas, o campo como uma circunstância de relações socialmente distribuídas. Através da distribuição das diversas formas de capital – no caso da cultura, o capital simbólico – os agentes participantes em cada campo são munidos com as capacidades adequadas ao desempenho das funções e à prática das lutas que o atravessam.

As relações existentes no interior de cada campo definem-se objetivamente, independentemente da consciência humana. Na estrutura objetiva do campo, hierarquia de posições, tradições, instituições e história, os indivíduos

Para contextualizar os estudos sobre violência simbólica e porque isso ocorre dentro do sistema escolar, Bourdieu dividiu seu trabalho em três conceitos fundamentais: poder simbólico, campo e habitus.

As relações de poder que permeiam a sociedade não são, no entanto, apenas as que existem explicitamente, outras influências que não são bem identificadas reforçam o poder simbólico¹, um poder que causa constrangimento de indivíduos ou grupo mais fraco obrigados a agir conforme uma vontade exterior ou impedidos de atuar de acordo com sua própria vontade, as forças psíquicas e morais se convertem em imposição perversa quando por meio da ideologia, grupos dominados são levados a pensar e agir da forma que interessa ao grupo dominante, afim de que este mantenha seus privilégios.

O poder simbólico é uma forma de opressão da qual o sujeito manipula ou é manipulado. É a capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos sobre indivíduos ou grupos, é um conjunto de relações por meio das quais indivíduos ou grupos interferem na atividade de outros. Em todos os segmentos da vida comunitária, o exercício indevido do poder e da força instaura relações hierárquicas e estabelece a dominação.

Na educação acontece o poder simbólico quando o sistema escolar propõe ao educando disciplinas e conteúdos que não se adequam ao meio no qual está sendo empregado um determinado modelo de educação, o indivíduo que absorve esse ensino se sente prejudicado, pois é limitado por um poder que impõe condições de aprendizagem diferente de sua expectativa.

Bourdieu (1983), denomina campo o espaço onde os agentes têm um conhecimento sem nenhuma comprovação científica, sem passar por experiências, é só um conhecimento prévio de uma determinada situação social. Para o mesmo autor, campo não é o resultado das ações individuais dos agentes, é o resultado geral de um trabalho coletivo, feito por meio de dados subjetivos que, partindo desses dados, será usado um método para abstrair um resultado eficaz dentro da pesquisa que está sendo realizada. A cultura de uma classe é

¹ “O poder simbólico é um poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (Bourdieu 2003:7-8).

importante para que haja desenvolvimento de uma pesquisa, a subjetividade do indivíduo é um ponto de partida para desenvolver um trabalho científico.

A sociedade é um espaço de concorrência entre grupos com interesses distintos. A cultura de cada grupo contribui para que haja o desenvolvimento social. Cada classe luta por um interesse, de acordo com a necessidade dos agentes e a objetividade da sociedade. O campo de conhecimento é amplo e diversificado, muitos estudos científicos podem ser realizados na sociedade, cada área de pesquisa pode ser explorada conforme a cultura do grupo, se um determinado grupo tem conhecimento sobre arte, é conveniente a esse grupo especular dentro do campo da arte.

Segundo Bourdieu, o ensino pedagógico é distribuído igualmente para todos, o pedagogo faz um estudo global generalizando a sociedade de forma comum, formalizando um só método de ensino para todos sem reconhecer a necessidade, a origem e a perspectiva de aprendizagem do aluno. No entanto, Bourdieu propõe um modo de distribuição do ensino de forma diferente da que a pedagogia aplica no sistema escolar. Para ele, a educação deve cultivar o que existe na cultura de um povo, sua originalidade, usando métodos que enquadrem a realidade de campo onde irá aplicar o ensino pedagógico.

O conceito de habitus desenvolvido pela primeira vez por Bourdieu é definido como uma força conservadora no interior da ordem social, ou seja, os costumes que antecedem e orientam a ação. Uma socialização – o meio humano em que o indivíduo está integrado - acontece ao longo de uma série de produções de hábitos distintos que contribuem para a estrutura de uma sociedade.

A repetição de um ato pode levar o indivíduo a ter uma prática futura, o costume é adquirido por si próprio ou por um determinado grupo no qual está inserido, é uma aprendizagem que acontece de forma simples sem seguir métodos e passa a ser transmitido de uma geração a outra.

Não são somente os atos individuais que proporcionam o desenvolvimento, a luta de classes com idéias e objetivos diferentes são a base de uma sociedade, aqui parece-me que está faltando alguma palavra. que com o espaço de tempo e de acordo às necessidades do grupo fundam instituições para

Dentre os vários campos de estudos, Bourdieu fez também análise dentro do sistema de ensino colocando-o como centro de suas pesquisas, sendo que, o que mais implicou as investigações de Bourdieu sobre o sistema escolar foi a problemática da educação com a da origem social do estudante. A diferença econômica e cultural interfere muito na forma de tratar os educandos. O próprio Bourdieu passou por uma experiência educacional que lhe despertou o interesse de investigar suas origens e primeiras experiências que foram renunciadas quando ele, para satisfazer o interesse da instituição escolar, deixou de praticar costumes adquiridos em sua cultura. Ele observou a partir de experiência própria que o sistema educacional muitas vezes não estimula o desenvolvimento de aprendizagem intelectual do aluno, mas o reprime colocando-o no comodismo, excluindo suas primeiras experiências culturais, sua origem e até discriminando sua classe social.

Bourdieu estudou a problemática da educação com a da origem social do estudante, observando que a escola não é equalizadora, mas reprodutora das diferenças sociais. A forma como a maioria dos sistemas escolares trabalha a educação recalca a objetividade do educando, o mesmo se sente reprimido sem liberdade de questionar, expor suas dúvidas, somente obedece a regras tornando-se dependente de um superior, nunca tem a iniciativa para fazer algo, sempre está na expectativa que o professor lhe proporcionará o que será estudado quando e como será desenvolvido determinado.

Para Bourdieu, todos os educandos, por mais que sejam considerados desiguais financeiramente por um sistema escolar, de fato são iguais em direitos e deveres e devem ser respeitados. A educação é um direito de todos, não deve ser restrita a uma única classe, pois a função de uma instituição de ensino é promover o desenvolvimento do aluno sem discriminar qualquer que seja a classe social a que o mesmo pertence.

1.2. Educação: Poder Simbólico, Campo e Habitus.

CAPÍTULO II : EDUCAÇÃO E PIERRE BOURDIEU

1.1. Bourdieu e sua trajetória intelectual.

Pierre Bourdieu (1930-2002), nasceu em Denguim, França, no dia primeiro de agosto. Filho de um modesto funcionário dos correios, Béarn Pirineus Atlânticos, estudou sucessivamente no Liceu de Pau, em Paris no Liceu Louis-le-Grand. Seus estudos superiores ocorreram na Faculdade de Letras e na École Normale Supérieure.

Bourdieu beneficiou-se do eficiente sistema público de ensino do País, consolidado ao longo da III República (1870-1940). Viveu a maior parte de sua juventude em uma pequena cidade do sudoeste da França. Lecionou no Liceu de Moulins (1954-1955), fez o serviço militar na Argélia (1955-1958). Sua carreira posterior foi de professor na Faculdade de Letras, diretor de estudos na École, tornou-se titular na cadeira de Sociologia do Colégio de France, após ter competido com outros sociólogos.

No conjunto de seus livros e artigos, Bourdieu combinou com três dos chamados pais fundadores da Sociologia que, antes dele, tradicionalmente eram colocados em oposição, a saber, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber.

Bourdieu, um pensador profundamente originário, que busca interpretar a origem dos objetos, abrange em seus estudos um número infinito de objetos procurando desenvolver novas produções científicas. Graduado em Filosofia, iniciou suas pesquisas em fins dos anos 50 na Argélia, juntamente com Jean Claude Passeron, estudou os mecanismos escolares de reprodução social, tendo desenvolvido várias pesquisas, sempre com a preocupação de que a elaboração teórica não fosse nunca totalmente separada do trabalho empírico, integrando outros aspectos em suas reflexões.

centralizado por uma classe como um estado, existe a educação sem haver a escola e existe a aprendizagem sem haver o ensino especializado e formal, como um tipo de prática social separada das outras. (Brandão, 2002:32).

Quando o poder passa a ser centralizado e constitui um Estado com rigorosa divisão social do trabalho é que existe uma escola que seguirá regras com um ensino formalizado e sistematizado, visando ao ajustamento do ser individual ao meio social, aperfeiçoando a potencialidade do ser humano e a sua formação integral, tanto no meio familiar como na sociedade. De modo geral, - para qual visão? pode-se considerar educação como sendo a ação que o ser humano exerce afim de que possa ser útil a si mesmo e a sociedade a que pertence.

Este capítulo analisou de forma geral o que é educação, já no próximo será abordado a vida de Bourdieu e sua trajetória, como foi sua experiência educacional, o que lhe despertou o interesse de investigar a problemática da educação com o princípio cultural do estudante, e como ele dividiu esse trabalho de pesquisa para o melhor entendimento do leitor.

Na Família realiza-se o processo educacional básico transmitida de forma simples e diversificada, é na família que as crianças aprendem os valores que são transmitidos de uns para os outros. Os pais são os primeiros educadores sendo com estes que o indivíduo afirma seu contato pedagógico, de forma a por nas mãos deles a responsabilidade de conduzir o processo educacional segundo os ditames da natureza ou não. Com a necessidade de estar descobrindo coisas novas a criança cresce com a perspectiva de aprender algo mais, cabendo ao professor auxiliá-lo na busca do conhecimento.

O papel da educação é ensinar partindo de diversos pontos respeitando a diversidade de conhecimentos do aluno. Há alunos que vem de famílias cultas, que viajam, lêem muito, vivem em um ambiente tranquilo, com valores diferentes e outros de famílias simples, que vivem isolados com menos conhecimentos. O educador deve encontrar a habilidade de cada aluno para desenvolver o seu estilo de aprendizagem sem que o aluno se sinta prejudicado ou repreendido.

Isso não quer dizer que eles devem ser tratados como iguais, pois são diferentes, mas deve buscar conhecimento da cultura de cada aluno, aproveitando-a para ensinar cada um conforme o conhecimento adquirido na família.

Toda forma de saber como o oleiro que faz o pote, o artesão que trabalha a argila, o índio que faz a flecha, a mãe que corrige o filho para que ele fale direito a língua do grupo, existe também quando o pai ensina ao filho a polir a ponta da flecha, ou quando os guerreiros saem com os jovens para ensiná-los a caçar. Não é só com a leitura de um livro, com o conhecimento das letras do alfabeto, que se faz educação, o saber é adquirido com a leitura de mundo, com a experiência do cotidiano, com as exigências do grupo no qual o indivíduo se encontra inserido. Essa aprendizagem é feita sem haver métodos, sem rigor pedagógico. É um ensinar e aprender espontâneos entre os indivíduos que convivem nesse grupo. Assim,

Em todo grupo de pessoas há um modelo de educação onde ainda não há uma rigorosa divisão social do trabalho entre classes desiguais, e onde o exercício social do poder ainda não foi

funções diferentes com o objetivo de transmitir conhecimentos, como exemplo: o pedagogo que desempenha um papel importante na sociedade.

A educação começa a transformar em ensino e surgem os que querem ensinar e os que querem aprender com a finalidade de preservar, resguardar as tradições, os costumes e os valores de um povo.

Com a invenção da política de desenvolvimento, ou seja, com a evolução do progresso, e as diferentes formas de governo a escola é subordinada a desenvolver um novo modelo de educação para se adequar às necessidades sociais, a educação passa a ser um investimento com o fim de um bem de troca, deixando de ser uma educação de ensino que preserva os valores e a cultura de um povo e transforma em uma educação com a finalidade do pleno desenvolvimento do educando preparando para o trabalho e as exigências da sociedade.

A educação se divide em duas fases: uma é o desenvolvimento físico e psíquico do indivíduo com referência às atividades desse indivíduo consideradas em si, outra é o processo que tem por fim ajustar as atividades do indivíduo ao ambiente social, quer dizer, aos ideais e práticas consuetudinárias dos seus companheiros. Estas duas fases são complementares, ao trabalhar o educando em seu lado efetivo e em seu modo de viver na sociedade.

Todo indivíduo recebe educação, nenhum ser humano é excluído de exercer o papel de ensinar ou de aprender. A educação pode existir livremente ou por intermédio de um mediador, pois a aprendizagem acontece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar e aprender ou através da experiência do cotidiano, por intermédio dos contatos pessoais, leituras de jornais, revistas, livros apreciação de pinturas, esculturas, filmes, peças musicais e de teatro, viagens, conferências. Nessa perspectiva Brandão (2002), nos fala:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor, o ensino escolar não é sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.(Brandão, 2002:9)

CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO

1.1. Educação e Sociedade

Quando se pergunta o que é educação, a resposta vem imediata. É a cultura de uma sociedade, o hábito de viver, de conhecer os objetos conforme sua necessidade, é fazer crescer o que já é seu, o que tem dentro de si. No entanto, o conceito de educação depende da presença dos fatores sociais determinantes e do desenvolvimento deles, de suas transformações.

Toda educação reflete os objetivos de uma sociedade, num determinado espaço, numa determinada época, variando os anseios sociais, haverá também alterações nos objetivos da educação. A educação varia em decorrência da evolução da sociedade, varia de acordo com a filosofia e os sistemas educacionais adotados nas diferentes sociedades porque o modo de ensinar é diferente de uma cultura para outra, de um tempo para outro.

Na antiguidade, a educação era privilégio das famílias ricas com a preocupação de formar indivíduos capacitados para dirigir a cidade e para obter fins lucrativos. Na Grécia Antiga, onde a supremacia do Estado era indiscutível, especialmente nos primeiros tempos, consideravam-se de fundamental importância as relações entre indivíduo e cidade-estado como Ur e outras. A educação visava, sobretudo, preparar os jovens, tendo em vista tais relações. Mas cada Estado tinha suas características peculiares e os sistemas educacionais deviam adaptar-se a essas características para tornar um instrumento efetivo na preparação da juventude.

As famílias contratavam mestres para educação de seus filhos, os quais serão na Grécia denominados pedagogos – pessoas capacitadas para ensinar e transmitir conhecimentos. Assim, surgiu a instituição escolar e a educação passou a se sujeitar à pedagogia, ou seja, a depender dos métodos e regras estabelecidas pela pedagogia, surgindo as hierarquias educacionais, com uma ordem regulamentada a ser seguida por várias pessoas que exercem

No primeiro capítulo, compreenderemos o que é educação a partir da percepção de Brandão (2002). No segundo, conheceremos e entenderemos um pouco a vida de Bourdieu e o que é e como acontece a violência simbólica na educação segundo este pensador e no terceiro e último capítulo será abordado a sua concepção da violência simbólica.

população inserida no sistema escolar, crianças, jovens, adultos e todo aquele que frequenta o espaço escolar e absorvem em sua vida os valores do sistema escolar. Como uma forma de poder dominante, esses valores orientam o indivíduo à sociedade, adequando-o às formas de vida sociais, minando a capacidade do indivíduo de exercer seu próprio senso crítico.

Essa violência simbólica na educação praticada pela instituição força a natureza do aluno e isso trará graves conseqüências à sua relação com a sociedade. No momento em que transmite ao aluno um conhecimento rigoroso sem conhecer sua capacidade de aprendizagem, impondo a ele informações que são extremamente estranhas ao meio que ele vive. Assim, ele se sente reprimido, não tem curiosidade em pesquisar e fazer perguntas sobre o assunto, sente-se inferior junto aos colegas. No entanto, a instituição escolar não poderá tratar os alunos como se fossem iguais, pois na verdade não são.

A educação sempre foi um instrumento privilegiado de dominação por ser um processo longo, contínuo e por trabalhar com indivíduos menos experientes e altamente sensíveis, e que ainda não possuem a crítica lógica, não se indagando sobre tal fato, o qual não é percebido pelo mesmo ao configurar-se como violência que formaliza-se de modo culto, que impõe regras e valores, levando o indivíduo a acreditar que está pensando e agindo por vontade livre, com esta forma de conduzir o educando, a escola torna-se responsável pela diferença intelectual dos indivíduos.

O esclarecimento seria a melhor forma de despertar no aluno o censo crítico de poder questionar, avaliar, compreender o que é e como é aplicada a violência simbólica na educação, e estar evitando que esse poder dominante cause danos à sua mente, fazendo mudar seu modo de pensar e tirando-lhe o direito de aprender conforme sua capacidade.

Espera-se que todos os leitores deste trabalho monográfico possam adquirir um pouco mais de conhecimento dos estudos de Pierre Bourdieu sobre educação, e como ele almeja um modo de ensinar estimulando o talento e a capacidade do educando, defendendo a liberdade de pensamento, o questionamento racional e a iniciativa intelectual do aluno.

INTRODUÇÃO

O interesse desse estudo é compreender a violência simbólica na educação a partir da visão de Pierre Bourdieu (1970), bem como, contribuir para discussões filosóficas acerca do tema em estudo; verificar analiticamente os diferentes tipos de violência; analisar o pensamento de Bourdieu com seus conceitos primordiais; compreender o conceito de violência simbólica em Pierre Bourdieu verificando-a como uma violência não explícita; compreender o sistema de ensino como um instrumento de reprodução e internalização cultural e analisar o sistema educacional como violência simbólica em Bourdieu.

A escolha desse tema surgiu após ter feito uma breve leitura sobre violência simbólica na educação, despertando-me o interesse de pesquisar e interagir com esse problema que causa transtornos à comunidade escolar. levando em consideração os seguintes objetivos:

Para Bourdieu, uma instituição escolar deve trabalhar a igualdade real do aluno, deve ser justa e reconhecadora das diferenças que há entre eles como o manejo da língua, sua experiência primeira, aquilo que acontece no dia-a-dia do aluno. A realidade do aluno deve ser trabalhada com cautela para não absorver totalmente seu conhecimento, sua herança cultural que também é importante para seu conhecimento futuro.

A desvalorização do conhecimento original do aluno, a recusa de suas experiências, o tratamento não diferenciado quanto ao seu nível de conhecimento, as regras e métodos impostos por um sistema educacional são formas de violência simbólica que reprimem o aluno. Esse poder não acontece de forma clara, é exercido nos meandros das relações educacionais, levando o indivíduo inserido nesse contexto a uma conformação da situação que lhe é dada. No entanto, há violência quando, mesmo sem usar o castigo corporal uma instituição escolar consegue o comportamento desejado doutrinando o aluno para a obediência e a aceitação passiva da autoridade atingindo praticamente toda a

Índice

Introdução	05
Capítulo I: Educação	
1.1. Educação e Sociedade	08
Capítulo II : Educação e Pierre Bourdieu	
1.1. Bourdieu e sua trajetória intelectual.....	12
1.2. Educação: Poder Simbólico, Campo e Habitus	13
Capítulo III: A Violência Simbólica	
1.1. Violência Simbólica, Arbitrariedade Cultural, Ação Pedagógica, Capital Cultural	19
Considerações Finais	25
Bibliografia	27

Dedicatória

Dedico esta Dissertação Filosófica a Deus que com sua elementar presença me proporciona força, para que possa conquistar mais essa etapa para meu desenvolvimento social e intelectual, onde espero vir inúmeras outras, no decorrer de meu viver.

Com especial carinho, a todos meus familiares que fizeram muito por mim nestes quatro anos. E aqueles que encontramos em nosso caminho e conosco constituíram um sonho abrindo mão de momento de convívio.

A todos os mestres do Curso de Filosofia que nos fizeram conceber uma outra visão do mundo, começando por nós mesmos. Aos meus colegas onde passamos a conviver nesses quatro anos em busca do mesmo objetivo, aprendendo a compreender e a respeitar a individualidade de cada um, todos sem exceção, terão um lugar especial em meu coração, pois a saudade dessa etapa já faz parte de minhas lembranças.

Leomar Rodrigues de Souza Santos

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA EDUCAÇÃO –
UMA VISÃO DE PIERRE BOURDIEU**

Monografia apresentada no dia 17 de Dezembro de 2004, como parte das exigências do Curso de Filosofia.

Geruza Silva Oliveira
Orientadora

Sandro Henrique
Professor

Rogério Jacinto
Professor

Leomar Rodrigues de Souza Santos

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA EDUCAÇÃO –
UMA VISÃO DE PIERRE BOURDIEU**

Trabalho apresentado à FACER como
requisito parcial a Disciplina Dissertação
Filosófica II, para fins avaliativos da
Professora Geruza Silva Oliveira.

Rubiataba/2004



**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA EDUCAÇÃO –
UMA VISÃO DE PIERRE BOURDIEU**

Leomar Rodrigues de Souza Santos

147-11

30791
Saeu

Tombo n°	9451
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
Origem:	d
Data:	19-02-05